

Tudo passa, tudo passará?

Existem hoje dentro do governo duas avaliações a respeito do momento político atual e do significado das pesquisas que indicam oscilação para baixo na preferência do eleitorado por Fernando Henrique Cardoso. Uma, oficial, confia que mais uma vez trata-se de uma crise fugaz como tantas outras já vividas nos últimos três anos. A outra, oficial, considera, em resumo, que se acabou o que era doce: a campanha eleitoral começou e o presidente da República já não pode ignorar a evidência.

Os partidários da segunda tese acham que a partir de segunda-feira FH deve começar uma ofensiva popular pesada. Parar de fazer discursos elaborados, deixar de lado explicações conceituais e, resguardados os limites dos impedimentos legais, se comportar mesmo como candidato sem a majestade do vitorioso por antecipação.

Os defensores da visão, que por enquanto é a oficial, também consideram que esta segunda-feira, com a volta do presidente do exterior, será um marco. Com uma diferença apenas: o governo não precisará fazer nenhuma movimentação espetacular, mas apenas administrar as circunstâncias favoráveis.

Que seriam as seguintes: o fim das votações das reformas e das negociações desgastantes com o Congresso que permite ao presidente mais liberdade para governar, o início de um processo de distensão na economia por causa da redução das taxas de juros, queda nos níveis de inadimplência e conseqüentemente uma expectativa de reversão da curva ascendente do desemprego, as comemorações do quarto aniversário do Plano Real, conclusão de obras importantes do Brasil em Ação e manutenção de níveis altos de investimentos estrangeiros.

Há quem considere que esse cardápio é o suficiente para o governo recuperar a dianteira folgada e se manter no ritmo de sempre sem que seja necessário denotar desespero com a inegável mudança do clima político nem antecipar o início da campanha.

Por esse raciocínio, o risco de apressar a campanha é apressar também o fim do governo.

O problema é que também ao ignorar que a briga começou, e começou feia, o governo abre espaço para que o adversário navegue sozinho.

O contra-argumento governista a essa constatação é que os números das pesquisas refletem uma oscilação natural mas não se configuram uma tendência. Pelo seguinte: o Planalto tem em mãos três pesquisas. Aquela já divulgada, que mostra Fernando Henrique com menos cinco pontos e Lula com mais cinco; uma outra que será divulgada hoje ou amanhã, em que o presidente aparece outra vez proprietário daqueles cinco pontos, já com 39% contra 24% para Lula; e ainda uma terceira, em que FH tem 37% e os outros candidatos somados reúnem índice igual.

Esses dados é que embasam as teses do cordão dos que defendem a tranquilidade, condenam os açodamentos e confiam que o mau momento passará, como passaram outros tantos maus momentos em que mais do que crise o que se tinha era espuma. Por essa análise, se não acontecer uma crise perene às vésperas da eleição, se a credibilidade do presidente e a confiabilidade no Real continuarem em alta, a vitória poderá vir ainda no primeiro turno.

Ou seja, o Palácio do Planalto não está tão alheio assim à campanha, pois já trata de agir para desmanchar as versões de que o governo jogou a toalha e trabalha tranquilo com a hipótese do segundo turno. Não trabalha não, pois continua querendo é ganhar mesmo no primeiro.

Confia, para isso, no contraponto que acredita a população fará entre um governo que tem respostas para tudo – goste-se ou não delas – e uma oposição que aposta na instabilidade sem dizer exatamente ao que veio.

Já o outro grupo – e a tentação é considerá-lo mais realista – acha que não dá para brincar com o fogo nem maquiavel dificuldades. Por exemplo, nas últimas semanas houve dois embates entre Fernando Henrique e Lula. O primeiro quando cada um visitou sua seca. Por essa avaliação, aquela partida terminou zero a zero. Depois, houve nesta semana o embate a respeito de quem tem ou não tem projeto que acabou misturando-se à malsucedida manifestação do PT em Brasília. Aí o resultado em princípio parece ter sido negativo para Lula.

Não se sabe, no entanto, qual será o próximo lance, de que gravidade e muito menos quem sairá vencedor. E, nessa linha, há quem defenda fortemente que chegou a hora de o governo agir para não correr o risco de começar a dar sorte para o azar.